

ANTERO E A FILOSOFIA COMO VERTIGEM

A lembrança de uma efeméride só tem sentido quando, além e aquém dos cenários mais ou menos exasperantes das inaugurações de estátuas e desceramentos de lápides, os actos celebrativos assumem a desafiadora, e por vezes trágica, incumbência de memorial.

Concebemos este pequeno artigo – em deliberado tom evocativo – como tributo a Antero. Nesse sentido, o memorial que aqui pretendemos entronizar situa-se para lá das demonstrações pungentes de falsos revivalismos. É a pessoa toda que fazemos companheira de viagem pelas veredas mais ou menos sinuosas da nossa vivência, quando nos deslocamos dos terrenos movediços da mera evocação saudosista para o húmus da memória cordialmente transfigurada. “Recordar” significa primigeniamente isso mesmo: reconduzir (a memória de algo ou de alguém) para o coração...

Comemorar, neste ano da graça de 1991, o centenário da morte de uma figura tão obscura quanto luminosa como Quental acarreta-nos pois dúplice responsabilidade: por um lado, resgatar a sua memória da maldisfarçada simonia das homenagens mais ou menos interessantes e quase sempre interesseiras do *main stream* cultural; e, por outro, cumprir essa função quase obstétrica de trazer à luz do dia toda a

energia filosófica das suas intenções poéticas ou, se quisermos, toda a energia poética das suas intuições filosóficas, mesmo correndo o risco de nunca encontrarmos a chave descriptadora dessa ambígua questão de se saber se Quental protagonizou uma travessia filosófica com o “apoio logístico” de uma estrutura poética ou, simplesmente, se se rendeu ao ímpeto da experiência poética socorrendo-se de um travejamento filosófico assimilado durante a sua formação académica coimbrã.

Não se trata, por conseguinte, de exumar ou autopsiar o passado de Antero ou o Antero do passado. A evocação colectiva da morte de um poeta ou de um filósofo – ou de qualquer outro criador de cultura – deve instaurar o contexto celebrativo onde se tocam duas memórias: a nossa que adensa a deles e a deles que se projecta na nossa. É na percepção consciente dessa tangência que sobrevive um punhado de linhas onde tudo o que se diz é nada comparado com o que infinitamente fica por dizer de um vulto cujo génio plúmítico se compraz no vislumbre quixotesco da existência.

Quixote é porventura menos celestial e distanciado do que Apolo e de certo menos telúrico e pulsional que Dioniso. Mas, movendo-se num limiar intermédio intensificado, afigura-se muito mais divino e ao mesmo tempo mais humano que qualquer um desses dois arquétipos que a indomável verve filosófica de Nietzsche tão bem coligou na sua bipolaridade trágica. Tocamos aqui, talvez, um dos pontos mais enigmáticos da mundividência anteriana. Se a vida se deixa pictoricamente retratar numa viagem “sobre os abismos (que) aparecem / a meus olhos na muda imensidade” (in *Elogio da Morte*, II), cuja travessia pode ser analogada à experiência itinerante de um louco visionário, de um peregrino penitente ou de um intrépido cruzado, então o paradigma que prefigura emblematicamente a vertigem dessa lúcida deambulação é Quixote: “Sonho que sou um cavaleiro andante. / Por desertos, por sóis, por noite escura, / Paladino do amor, busco anelante / O palácio encantado da

Ventura. / (...) Mas dentro encontro só, cheio de dor, / Silêncio e escuridão – e nada mais” (in *O Palácio da Ventura*).

Eis-nos, pois, na esteira do peregrinar vacilante do poeta. A nostalgia de um sonho que se dissipa é a mais insanável das feridas, tanto mais se essa travessia onírica era – no caso de Antero – acalentada pelo desígnio de um enraizamento vivencial absoluto. Já não é tanto o olhar cintilante de uma Dulcineia – nem sequer, talvez, o apelo sobrenatural de uma escatologia mais ou menos paradisíaca – que alimenta a utopia da caminhada: talvez mais uma intramundana espiritualidade, suspensa no advento “dionisíaco” do socialismo e religada no culto “apolíneo” da razão hegeliana.

À semelhança de Quixote, também Antero se surpreende a investir de lança em riste contra os moinhos de vento de um frustrante messianismo político que as doutrinas do seu tempo agigantaram. O socialismo, pelo menos na sua versão proudhoniana, mostra-se ainda algo inoperante para esconjurar de vez a ameaça do tecnocratismo burguês e industrialista de oitocentos. A razão hegeliana revela-se, por seu turno, mais mercenária do que serva dedicada aos ideais de transmutação social que o poeta açoriano empenhadamente propugnava.

A deriva existencial de Antero atinge aqui um desfecho inesperadamente dramático, como se repentinamente os mecanismos do relógio que ditam o ritmo temporal da vida do mundo e do mundo da vida começassem a inflectir no sentido inverso ao do seu curso normal. Despojado dos seus sonhos e reduzido a um estado de orfandade ideológica e metafísica – “mesmo se Deus a seus filhos dá ventura, nesta hora santa (...) / serei filho, mas filho abandonado!” (in *Lamento*) – só resta ao poeta refúgio nesse recalitrante inconformismo que desafia os obscuros e insondáveis desígnios divinos: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt. 27, 46)? É a crucificada experiência desse estado de

Abandono (cuja percepção se agudizará distopicamente até ao eclipse total de Referências e de Evidências outrora inabaláveis) que provocará a gradual erosão da insularidade interior de Antero, dissolvendo-a na oceânica vastidão do Tédio, do Absurdo e de uma Morte autoinfligida como êxodo final sem retorno.

Não se trata aqui da desmedida exaltação de um Ocidente contagiado pelo subversivo lirismo (já) modernista de um Baudelaire ou pelo inconformado socialismo (ainda) romântico de um Proudhon, nem sequer o fervor doutrinário uma Europa redimida pelo idealismo unificador do sistema hegeliano. O que espreitamos nos seus sonetos é, desta feita, uma existência sem “ethos” e, num certo sentido, “des-moralizada” por uma “doença nervosa” tardiamente diagnosticada.

Não obstante a sua toada melodramática, o lirismo anteriano encerra – atrever-nos-íamos a dizer – um certo valor encantatório na pendular oscilação entre a infinita voragem do Eu e o insuportável horror da “soledade”. O comprazimento noctívago e onírico numa negatividade desencantada transfigura a apropriação poética em evasão existencial meticulosamente cartografada: “Atravessando regiões austeras, / Cheias de noite e cava escuridão, / Como num sonho mau, só oiço um não, / Que eternamente ecoa entre as esferas...” (in *Estoicismo*).

Nesta inóspita clausura, fugir para onde? Aí não há espaço nem tempo para urdir sequer a dialéctica do ressentimento, espécie de sucedâneo moral dos fracos para sublimar a perplexidade, o desalento e o desespero... Ao poeta só lhe resta assumir estoicamente uma Existência para a qual outra saída não parece haver senão Angústia, Náusea, Absurdo e Morte: “Porque suspiras, porque te lamentas, / Cobarde coração? (...) / Deixa os tímidos, deixa aos sonhadores, / A esperança vã, seus vãos fulgores... / Sabe tu encarar sereno o abismo!” (in *Estoicismo*).

Exilado nessa abissal experiência, consente o poeta açoriano um cativo cujo descrição se immortaliza num dos mais comoventes e sublimes trechos poéticos da nossa literatura: “Encostados às grades da prisão / olham o céu os pálidos cativos. / (...) Bandos de aves / passam velozes, passam apressados / Como absortos em íntimos cuidados / (...) / E dizem os cativos: Na amplidão / Jamais se extingue a eterna claridade... / A ave tem o voo e a liberdade... / O homem tem os da prisão! / Aonde ides? qual é a vossa jornada? / À luz? à aurora? à imensidade? aonde? / – Porém o bando passa e mal responde: / À noite, à escuridão, ao abismo, ao nada! / (...) / Encostados às grades, os cativos / Olham o céu e choram silenciosos” (in *Os Cativos*).

É fácil ceder à tentação moralista de considerar blasfematório um trecho onde a perspectiva nihilista de Antero sinaliza uma condição-limite que só por mor da liberdade poética seria legítimo tolerar. Pura ilusão. A vertigem que, na berma do abismo, aflige a alma do poeta pressagiando a iminência de uma queda, é mais do que um prelúdio do drástico desfecho que o derradeiro acto de suicídio haverá de consumir. Queda, sem dúvida. Contudo, não se trata de uma precipitação no vazio, de uma decadência ou de um declínio. No seu adensamento catabático, descensional, a experiência anterior da vertigem repercute simetricamente a intensificação catártica de uma subida, de uma ascense. Como se a infernal descida ao âmago mais denso das trevas nocturnas propicias-se a deflagração da mais pura e diurna claridade. Não se trata de mero jogo imagético, mas tão-só de reconduzir a mundividência anterior a uma interpretação alternativa, porventura mais abrangente do que aquela que se deixa capturar nas armadilhas de um intransigente e insanável pessimismo.

Com efeito, o horizonte em que, com toda a nitidez, se instala a suspeita anterior – “Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível / não passas de uma vã banalidade!” (in *Disputa em Família*, I) – constitui

paradoxalmente o limiar em cuja superação se instaura a plena doação da Transcendência. Sob o signo da dialéctica hegeliana, a lírica de Antero mostra até que ponto a quixotesca demanda de um Absoluto positivamente-em-tese-procurado nas suas promissoras epifanias, e logo negativamente-em-antítese-perdido nas suas múltiplas ilusões e contra-facções, mais não prepara do que a síntese superadora e resolutiva de um absoluto (re)Encontro:

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente! (in *Na Mão de Deus*)...